

# ENTREVISTA

## Curso de Psicologia da PUC Minas: sua implantação e contexto

*Entrevistado Pedro Paulo Christovam dos Santos*

*Entrevista conduzida por Ana Maria Sarmento Seiler Poelman\**

*e Marcela Alves de Abreu\*\**

O entrevistado é doutor em Filosofia pela Universidade Gregoriana de Roma (1958). Livre-docente em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1965). Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da UFMG (1963). Ex-professor de Filosofia do Direito e Introdução ao Estudo do Direito da PUC Minas e da UFOP. Ex-professor de Ética e Metafísica do Seminário São José da Arquidiocese de Mariana. Ex-professor de Ética, Filosofia da Educação e Ética Profissional da Faculdade de Filosofia da UFMG. Professor fundador de Metodologia Científica e Ética Profissional e vice-diretor do Instituto de Psicologia da PUC Minas.

**Psicologia em Revista:** *Por ocasião dos 50 anos do Instituto de Psicologia da PUC Minas, estamos querendo recuperar e registrar essa história.*

**Pedro Paulo Christovam dos Santos:** Minha participação no Instituto de Psicologia da PUC Minas, como professor fundador e vice-diretor, ocorreu a convite do padre Aguiar, SJ, nomeado reitor da Universidade Católica no início do ano de 1959. O padre Aguiar, entre janeiro e fevereiro, pediu-me que colaborasse com o Instituto de Psicologia, a ser criado, como professor e diretor. Tinha chegado da Europa, com doutorado em Filosofia pela Universidade Gregoriana de Roma, tendo defendido tese sob o título “Liberdade e Valor na Axiologia Lavelliana”, cujos dois últimos capítulos foram publicados na revista “Alma Mater”, criação do padre Aguiar. A tese no campo da Ética e da Teoria dos Valores implicava temas afins com a Filosofia da Cultura e da

---

Entrevista realizada no dia 10 de novembro de 2008.

\* Professora do curso de Psicologia, na unidade Coração Eucarístico, e-mail: anamariaspo3@hotmail.com.

\*\* Bolsista de iniciação científica.

Educação, a Antropologia Filosófica (antiga Psicologia racional) e a Psicologia da personalidade. Ao ser convidado para ser professor e diretor do Instituto, disse ao padre Aguiar que a minha especialidade era a Filosofia, tendo também feito curso de Ciências Sociais na PUC do Rio de Janeiro. Poderia colaborar com o Instituto, lecionando Ética, Ética profissional, Metodologia Científica, Antropologia Filosófica ou mesmo História da Psicologia, uma vez que, durante o doutoramento, segui um curso de especialização na referida matéria. Observei ao padre Aguiar que estava apenas há seis meses em Belo Horizonte, achando melhor que fosse outra pessoa a ser convidada para dirigir o Instituto, com maior conhecimento e atuação na área de Psicologia aqui em Belo Horizonte. Lembrei-me do professor Pedro Parafita Bessa, diretor e orientador do SOSp, no Instituto de Educação. Por delegação do padre Aguiar, fui ao SOSp, fiz o convite ao professor Pedro Parafita Bessa, que aceitou com muita cordialidade.

**PR:** *Então foi o senhor quem fez o convite...*

**PP:** É verdade. Havia sugerido ao padre Aguiar o nome do ilustre professor. Ele naturalmente já devia conhecer e ter informações sobre o professor Bessa, que atuava em área de orientação e aconselhamento no SOSp. A ideia fundamental mantida em conversa com o reitor sobre o Instituto caminhava no sentido de uma instituição autônoma, independente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Maria. O Instituto seria aberto a diversos campos e áreas da Psicologia. Inicialmente, para o Instituto foram definidos dois cursos, o de Psicologia e o de Orientação, segundo a vontade do Prof. Bessa. O Instituto teria não só o caráter acadêmico de ensino, pesquisa e extensão universitária, mas também teria a finalidade de aconselhamento e orientação profissional. Os cursos poderiam prestar uma colaboração magnífica à comunidade universitária e à sociedade na formação de professores e profissionais.

**PR:** *O professor Bessa era assistente da Dona Helena, na Faculdade de Filosofia...*

**PP:** Creio que sim. Bom lembrar que, naquela época, o Banco da Lavoura possuía um Departamento de Recursos Humanos dirigido pelo Prof. Pierre Weil. Pierre Weil queria instituir um curso de Psicologia no Departamento. Ao saber que eu tinha título de Doutor em Filosofia, convidou-me para participar, uma vez que o professor Weil tinha a intenção de ter o reconhecimento oficial pelos órgãos competentes do MEC.

**PR:** *O Departamento chamava-se Escola de Titulados...*

**PP:** Conhecia como Departamento de Recursos Humanos. Naquela época, havia também, em Belo Horizonte, intelectuais, centros culturais de estudo e

atuação em Psicanálise, como Malomar, Antonio Ribeiro e muitos outros. A Pedagogia sempre foi um campo cultural de preferência dos mineiros. Basta lembrar o Instituto de Educação, joia da cultura de Belo Horizonte, instituição de tradição na formação das nossas “professorinhas” do curso primário. Ensinava-se as cadeiras de Psicologia experimental e Psicologia educacional nas instituições pedagógicas. Tinha-se como certo que professores dessas disciplinas certamente participariam do Instituto de Psicologia, completando e aperfeiçoamento cursos de Pedagogia, Filosofia, Ciências Sociais, Assistência Social e Teologia. Segundo o padre Aguiar, o Instituto de Psicologia da PUC Minas seria o segundo do Brasil, julgando que o primeiro teria sido o da PUC do Rio, quando, na verdade, o primeiro existia no Rio Grande do Sul.

**PR:** *Então foi essa a motivação para fazer o Curso de Psicologia?*

**PP:** Não tenho dúvida da intenção criadora do padre Aguiar. Não apenas um curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria, mas um Instituto autônomo, independente administrativa, didática e financeiramente.

**PR:** *O curso foi então criado em 59, e a lei que regulamentou a profissão é de 62. Foi cogitada essa questão de oferecer um curso de formação profissional para uma profissão que não era reconhecida no Brasil?*

**PP:** Do ponto de vista sociocultural, não só se estudava e se pesquisava em Psicologia como também se atuava em áreas vinculadas à Psicologia como, por exemplo, o SOSF, o Instituto Pestalozzi, a APAE, a Fazenda do Rosário, com Dona Helena Antipoff. A regulamentação técnico-jurídica dos cursos de Psicologia e das instituições psicológicas surgiu posteriormente. Mas, da realidade vivida, pensada e comunicada nesses cursos e instituições, o legislador beneficiou-se significativamente. Antes da regulamentação técnico-jurídica, os centros intelectuais, educacionais e sociais elaboraram um código de ética profissional que serviu de orientação e normatividade ético-profissional da conduta e das atividades e áreas da Psicologia. A Universidade Católica marcou o interesse e a necessidade histórica de ser um centro acadêmico com atividade profissionalizante, porque se tornou necessária a formação intelectual acadêmica bem como a atuação psicossocial profissionalizante dos interessados na ciência e na prática da Psicologia.

**PR:** *Isso que eu considero admirável referente ao padre Aguiar...*

**PP:** Essa foi realmente a visão criadora do padre Aguiar, intelectual culto e sacerdote exemplar. O que vi claro na intenção do reitor era que o Instituto

de Psicologia se estruturasse com excelência intelectual cultural e formação ética profissional de qualidade. O curso deveria formar não só professores de Psicologia, mas formar psicólogos profissionais.

**PR:** *Como é que a Psicologia era vista na época, a função de psicólogo?*

**PP:** Eu lembro que, naquela época, já existiam as preferências, ora para a Psicologia experimental, ora para a Psicologia educacional, ora para a Psicologia social, ora para a psicanálise ora a psicoterapia humanista. Ora o interesse era pelo estudo da Psicologia de Jung ora pelo estudo da Psicologia de Freud ora pelos psicólogos comportamentais. Não se falava em Lacan.

**PR:** *No início, a preocupação fundamental era consolidar-se como instituição universitária pioneira em Minas Gerais. No período de 62, 63, 64, o interesse pela Psicologia social e pela participação política intensificou-se. Cresceu a vontade de conhecimento e transformação da realidade brasileira. Na visão do padre Aguiar, não se deveria tomar uma posição imediata de orientação dos cursos do Instituto, porque tal atitude poderia prejudicar a abertura originária e a pluralidade de tendências, teorias e escolas. Não há dúvida que o conflito maior era entre os que desejavam ser psicólogos e os que queriam ser psicanalistas.*

**PP:** Nessa época, tinha sido aprovada uma lei que tornava obrigatória a orientação educacional nas escolas de ensino médio. Tal fato criou a necessidade de profissionalizar cadeiras de orientação profissional.

**PR:** *E sobre as dependências físicas ocupadas pelo Instituto?*

**PP:** Inicialmente, o Instituto de Psicologia, que funcionava à noite, ocupava as dependências do Palacete Dantas, onde se situava a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Em seguida, passamos para o prédio construído ao lado do Palácio Arquiepiscopal. Não creio ter havido problemas ou tensões relativas às dependências físicas do Instituto.

**PR:** *Como era essa relação com a Faculdade de Filosofia, porque eu imagino que, em termos da posição no organograma da Universidade, o Instituto de Psicologia e a Faculdade de Filosofia ocupassem o mesmo lugar.*

**PP:** A relação era normal, em parte, porque o curso inicialmente era dado à noite.

**PR:** *E na escolha do corpo docente, o senhor se lembra de como foi isso?*

**PP:** Foram convidados professores pelo Prof. Bessa, tendo a colaboração do padre Orlando Vilela e o conhecimento pessoal do padre Aguiar.

PR: *E sobre o padre Aguiar?*

PP: Pelo que eu saiba, já faleceu. Era um jesuíta culto, grande orador, sacerdote exemplar, orientador espiritual e mestre no conhecimento das Artes, especialmente na literatura e na música operística e sinfônica.

PR: *O seu professor de Psicologia experimental era jesuíta?*

PP: Lembro-me do padre Benkö, no escolasticado de Nova Friburgo, formado em Psicologia pela Universidade de Louvain. Infelizmente não fui seu aluno.

PR: *Ele foi um dos que lutaram para a regulamentação da profissão?*

PP: Não sei dizer.

PR: *Você tem alguma lembrança do seu convívio com o professor Bessa na direção do Instituto?*

PP: Minha relação com o Prof. Bessa foi sempre de muito respeito e solidariedade como professor e vice-diretor, compartilhando o mesmo interesse fundamental pela consolidação do Instituto. Participei como professor de Ética Profissional do curso de Psicologia da UFMG. Tenho na minha memória e no meu coração as belas palavras que o Prof. Bessa se dirigiu a mim no final da defesa da tese “Ética e História”, por ocasião do meu concurso de livre-docente em Filosofia, em 1965.

PR: *O curso de Psicologia e, posteriormente, o Departamento de Psicologia, foi criado depois da regulamentação da profissão. A Federal não teve essa ousadia de correr o risco de lançar um curso antes da regulamentação da profissão...*

PP: A Universidade Católica assumiu o risco tendo como referência a existência da Psicologia na PUC do Rio de Janeiro. A criação do Instituto de Psicologia da PUC Minas pelo Conselho da Universidade foi justificada pela necessidade histórica cultural, na época, de formação de professores e profissionais em Psicologia. Foi resultado de uma ideia criadora do padre Aguiar e um ato de coragem da PUC de Minas.

PR: *E como vice-diretor do curso, o senhor ficou de 59 a 62...*

PP: Fiquei dando aula com muito gosto, colaborando na medida do possível na solução de certos conflitos acadêmicos e políticos. Há três atitudes diante dos conflitos: criar o conflito, negar a existência do conflito e negar as condições geradoras de conflito. Sempre busquei atuar com a terceira atitude.

Na universidade, em geral, muitos conflitos surgem do orgulho, da vaidade e da inveja, através de competição surda, concorrência lábil e agressividade latente que, ao existirem, prejudicam o sentido de justiça e a realização do bem comum.

**PR:** *Entre o corpo docente?*

**PP:** Psicologia de Jung ou Psicologia de Freud? Psicologia ou psicanálise? Psicologia social ou Psicologia experimental?

**PR:** *Nessa linha, ao que me consta, o professor Bessa não era um católico expresso, talvez até identificado como ateu. Como era visto isso aos olhos de uma reitoria, de uma instituição católica?*

**PP:** Ao ser convidado para diretor do Instituto de Psicologia da PUC Minas, o professor Bessa tinha a competência científica, a experiência profissional e o reconhecimento ético-cultural que bem o justificavam para exercer a Diretoria de uma instituição universitária. O padre Aguiar escolheu o ilustre professor pelos seus méritos e não por razões ideológicas, políticas ou religiosas.

**PR:** *Porque até então não era?*

**PP:** Não entendi bem a pergunta.

**PR:** *E a sucessão do professor Bessa? O sucessor dele foi realmente um padre. Foi frei Ricardo. O senhor continuou como vice-diretor?*

**PP:** Continuei como professor. Nunca tive vocação de poder, direção, chefia, presidência. Sou professor de aula e não de reunião. Sempre me considerei um professor em sala de aula, com meus alunos. Minha participação como vice-diretor foi aleatória e casual.

**PR:** *Eu ouvi uma vez, tem até um caráter anedótico, já na Federal, em uma reunião da Congregação, em que se discutia a indicação de professor para lecionar uma disciplina cujo nome era Bases Biológicas da Psicologia. E que um membro da Congregação teria se oposto e vetado o nome, dizendo como é que alguém pode ensinar bases biológicas de uma disciplina que é o estudo da alma?*

**PP:** Participei na Federal de muitas reuniões de Congregação. Não me lembro desse fato. É lamentável o que ocorreu. A universidade é o lugar inteligível da cultura teórica como saber (ciência e filosofia), da cultura técnica do fazer (tecnologia e arte) e da cultura prática como agir (moral individual das virtudes e ética social do poder e da lei). Infelizmente duas situações vingam na universidade que a prejudicam profundamente. Em primeiro lugar, a

mesquinaria e a imaturidade. Em segundo lugar, o fato de que professores pensam que a valorização de um é desvalorização do outro e que a condição para se valorizar é desvalorizar o outro. Criam-se simpatias e antipatias, grupos aqui e grupos acolá em permanente luta ética, política e administrativa. Ora, por ideologia, ora por prestígio, ora por interesse pecuniário. Há pessoas que lutam acirradamente para ser chefe de departamento, presidente de conselho, diretor de faculdade, reitor de universidade, para ganhar uma pequena gratificação ou para ter a fâisca ilusória do prestígio da autoridade. Com isso, a universidade perde o seu caráter fundamental de comunidade de pessoas, tendo em vista o bem comum, a criatividade cultural, a alegria da comunicação intelectual e a influência benéfica sobre a sociedade. É triste, profundamente triste, a imaturidade e a ausência da verdadeira sabedoria e responsabilidade ética onde há orgulho, vaidade e inveja.

**PR:** *E de sabedoria.*

**PP:** O professor, como pessoa humana privilegiada, pode ter as suas convicções, seu pensamento e sua linguagem, seu poder de criação e de reflexão, seus valores e seus limites, mas tem que respeitar as convicções, o pensamento, a linguagem dos outros que participam de outras linhas e fontes do saber, do fazer e do agir. Conheci professores de alta competência e dignidade pessoal nas faculdades e universidades por onde passei. O espírito do cristianismo nos ensina que devemos, pelo trabalho, pelo diálogo e pelo amor como dom de si, respeitar o outro pelo outro no plano da justiça e promover o outro pelo outro no plano da liberdade de ser, da verdade e da solidariedade.

**PR:** *Você vê isso como um projeto ou uma missão?*

**PP:** Como projeto e como missão. Como projeto de vida, porque quem não trabalha, não dialoga e não ama não vive. O trabalho é uma forma de dialogar. E o diálogo é uma forma de amar. O amor funda o diálogo. O diálogo funda o trabalho. Como missão do psicólogo, porque o psicólogo é aquele ser privilegiado no mundo cujo trabalho, na forma do acolhimento, da escuta e do diálogo, é um ato de amor, de gratuidade da liberdade, sendo para o outro uma humanidade de acréscimo. Nesse sentido, a existência histórica de um psicólogo não pode assumir o exagero do fundamentalismo, do evangelismo impositivo ou da visão ideológica cientificista. Não se pode pecar contra a luz da espiritualidade, em qualquer forma de sua iluminação.

**PR:** *Então eu vou dar uma boa notícia para o senhor, existe a capela de novo.*

**PP:** Fico muito alegre com a notícia. A capelinha da PUC Minas voltou

para iluminar a universidade e, em particular, o Instituto de Psicologia com a luz de sua chama interior da liberdade de ser.

PR: *Quase vinte anos.*

PP: Lecionei na Católica por 27 anos, nos cursos de Filosofia, Ciências Sociais, Pedagogia, Psicologia, Direito, Assistência Social. A relação com os alunos sempre me dava muita alegria de viver. Valorizei muito as perguntas dos alunos, dando a elas maior importância do que aos textos longos e frios. Eu dava o que podia para responder uma pergunta. Quantas vezes dava uma aula em função e a partir de uma pergunta ou questão formulada por um aluno.

PR: *Voltando à questão da sucessão...*

PP: Não sei como foi colocada a questão da sucessão do professor Pedro Parafita Bessa. Por isso não posso responder exatamente.

PR: *Ele assumiu o curso em 62, deu a aula inaugural no curso em 62. Em 61, ele estava na Europa e já se falava pelos corredores: "ah! O frei Ricardo está na Europa, ele vai voltar, que ele estudou com André Rey". Esperava-se que ele trouxesse muita coisa e, de fato, trouxe muito material. O professor Bessa teve, talvez, essa decepção, escolheram um membro da Igreja Católica, o frei Ricardo, que deixou a ordem religiosa e se casou.*

PP: Não acompanhei a sucessão, nos termos em que foi colocada a questão. Difícil pressupor.

PR: *E foi exatamente nesse ano que ele foi para a UFMG. Vi em alguns documentos que, nesse ano de 62, teve uma reestruturação do curso, a primeira re-estruturação. E nesse ano então, o professor Rozestraten veio para o curso. Mas não sabe o porquê de o Bessa ter saído?*

PP: Não sei a razão pela qual o Prof. Bessa deixou a Direção do Instituto. Depois do frei Ricardo, assumiu a direção do instituto o Prof. Délcio Vieira Salomon.

PR: *Ainda na Avenida Brasil. E depois para o campus, ele foi também, na década de 1970. Nós ainda ficamos um tempo na Avenida Brasil.*

PP: É verdade.

PR: *O contexto da época...*

PP: Creio ter já respondido sobre a necessidade histórico-cultural de criar-

se instituição universitária para a formação de professores de Psicologia e psicólogos com atuação profissional.

**PR:** *Mira y Lopes, que também influenciou muito o SOSP. Ele saiu do SOSP e formou, no Rio, o ISOP.*

**PP:** Não conheci pessoalmente o ilustre Mira y Lopes. Soube que o mestre era de opinião da necessidade de criar-se em Belo Horizonte um Instituto de Psicologia com a finalidade intelectual e cultural de formação de professores de Psicologia e psicólogos profissionais.

Quero expressar a minha alegria de ter sido entrevistado pela ilustre professora do Instituto de Psicologia da PUC Minas, Ana Maria Sarmiento Seiler Poelman, minha ex-aluna, e pela formanda Marcela Alves de Abreu. Muito obrigado. Até breve.

*Pedro Paulo Christovam dos Santos*

